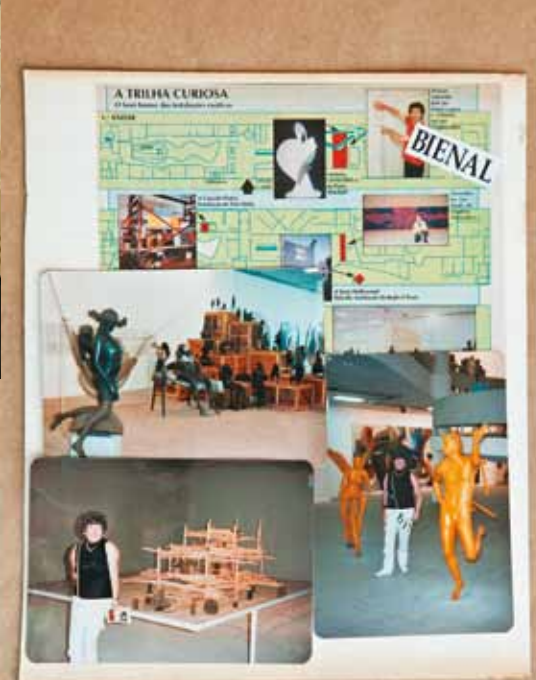


quais os
tempos da
memória?



A **memória** é uma relação com o passado, com o presente ou com o futuro?



German Lorca, *Início da obra da av. 23 de Maio*, 1954. Fotografia preto & branco sobre papel, 38,6 × 46,5 cm.

“[...] sempre diante da imagem,
estamos diante de tempos.”

Georges Didi-Huberman, *Devant le temps: Histoire de l'art
et anachronisme des images*

“Ver é talvez esquecer de falar.”

Maurice Blanchot, *Falar não é ver*

“Pensar é esquecer diferenças,
é generalizar, abstrair.”

Jorge Luis Borges, *Funes, o memorioso*

“Em geral, não há nenhuma
garantia quanto aos dados
produzidos por nossa memória.”

Sigmund Freud, *Lembranças encobridoras*

“[...] no devaneio que imagina
lembrando-se, nosso passado
redescobre a substância.”

Gaston Bachelard, *A poética do devaneio*

Às vezes nos lembramos melhor das coisas com os olhos fechados, como se buscássemos um espaço íntimo na escuridão do nosso próprio corpo. Mas também nos lembramos com os olhos abertos. Talvez porque as lembranças costumam chegar inesperadamente, e então nos entregamos e deixamos que elas nos conduzam.

Quando nos comovemos com nossas nostalgias, sabemos que sentimos saudade. A saudade é ambígua, pois é tanto a constatação melancólica de uma ausência como uma vontade de reunião com o que queremos bem. Essa ambiguidade já está nas possíveis origens etimológicas da palavra: *solitatem* (solidão, em latim) e saudar (cumprimento ao encontro). Saudade, portanto, não é mera nostalgia, é a aspiração a um futuro no qual o reencontro seria possível. Como a saudade, a recordação, o esquecimento e todas as outras formas da memória não são apenas “recuperação” do que aconteceu, mas um processo criativo de construção, em que o presente, o passado e o futuro se mobilizam e se confundem. ■

Quando surge a memória?

Antigamente, as pessoas imaginavam que a memória era maleável, como uma prancha de cera, que podia conservar impressões de imagens, conceitos, pessoas e objetos. Ela teria a capacidade de reter algumas formas com nitidez, ao passo que outros registros poderiam se perder por completo com o tempo. Quando falamos sobre memória, geralmente estabelecemos uma dinâmica entre lembrança e esquecimento.

José Leonilson pensaria a memória como tessitura. Por meio da costura, ele produz grande parte de suas obras, tecendo mitologias e alinhando suas reflexões sobre sua vida, suas relações afetivas, o tempo... Na obra *O Recruta O Aranha O Penélope*, de 1992, Leonilson cita a narrativa de Penélope, a esposa de Ulisses que, supostamente viúva, recebe novos pretendentes para agradar seu pai. No entanto, diz que só se casará novamente quando concluir um sudário para seu sogro. Estrategicamente, Penélope tece durante o dia e, à noite, sem que ninguém veja, desfaz o trabalho que realizou. Assim, a tessitura se torna um ofício sem fim, uma negociação com o tempo, um adiamento esperançoso pelo retorno de seu amado. Ao pensarmos a memória como uma tessitura, pensamos em um trabalho que se desenrola no tempo. Costuramos a memória reunindo traços que se entrelaçam. Temos a possibilidade de desfiá-la e reconstruí-la sempre. Se o próprio ato de lembrar se desenrola no tempo, existe algum tipo de memória da memória?

As coisas também têm memória, pois fazem parte da história. Cada obra de arte é única porque tensiona de forma inédita sua relação com as obras anteriores e com as que virão. A releitura, a referência e o pastiche são recorrentes na arte contemporânea justamente por essa consciência temporal. A série *Homenagem a Fontana* (1967), de Nelson Leirner, traz um olhar espiritualizado para a história da arte. Quando uma obra faz referência a outras, será que estas continuam sendo vistas do mesmo modo? O que muda? ■

Nelson Leirner, *Homenagem a Fontana II*, 1967.
Tecido e zíper, 180 x 125 cm.



Como se desenha
a memória?

Cinthia Marcelle, *Sobre este mesmo mundo*, 2009/2010. Vista da obra exposta na 29ª Bienal (2010). Pó de giz, quadro-negro, apagador. 120 x 840 x 8 cm.



Quando nos lembramos de algo, selecionamos uma parte da história e a consideramos como verdadeira, ao menos por um momento. Isso significa escolher, de forma consciente ou não, entre diferentes versões dos fatos e dos acontecimentos. Preservamos o que nos é importante, ainda que nem sempre saibamos dizer que tipo de importância é essa.

A obra *Sobre este mesmo mundo* (2009), de Cinthia Marcelle, evidencia que o processo de acumulação de informação não garante por si só o aprendizado: o pó de giz acumulado no chão e os vestígios de escrita na lousa não comunicam nenhum conteúdo escolar, mas explicitam o funcionamento do ensino formal tradicional, no qual os discursos se sobrepõem e se apagam diariamente. O professor confia na potência da repetição e do aprofundamento gradual como ferramenta de consolidação do conhecimento. Quais imagens e acontecimentos esta obra provoca em você? ■

Qual a importância
do esquecimento?

Esquecer faz parte do processo de construção da memória. Você consegue imaginar um museu que guarda absolutamente todos os objetos do mundo? Ou mesmo todos os diferentes tipos?

Quem lida com a memória e com a preservação da cultura trabalha ativamente para preservar determinados aspectos que considera essenciais, o que acaba implicando a exclusão de outros. O esquecimento não é apenas natural, é necessário para que possamos nos entender com o passado e propor caminhos para o futuro.

Esquecer, assim como lembrar, não é definitivo. A obra *Repressão outra vez - eis o saldo* (c. 1968), de Antonio Manuel, propõe que os espectadores dinamizem a lembrança e o esquecimento. Ao puxar a corda, o público descobre notícias do período da **ditadura** e revela o próprio ato da censura, a tentativa de apagar da história acontecimentos que não eram interessantes ao regime militar vigente no Brasil à época. A Comissão Nacional da Verdade hoje vem atualizar essas questões: ao trazê-las de volta à consciência das pessoas, faz justiça com a história e evita a recorrência de ações tão doloridas. ■

Antonio Manuel, *Repressão outra vez – eis o saldo*, c. 1968. Serigrafia sobre aglomerado (eucatex), tecido e corda. 122 x 80 cm cada (5 partes).



Memórias podem
ser apagadas?

Gabinete de curiosidades. Ilustração publicada no livro Museum Wormianum (1655) de Ole Worm (1588-1654).



Qual a diferença entre história e memória?

Alguns espaços podem ser tomados por uma vontade de memória, isto é, pela tentativa de manter vivas para o futuro a memória e a identidade.

Ao longo da história do Ocidente, muitos foram os lugares de memória. Os gabinetes de curiosidades, por exemplo, eram ambientes de guardar coisas muito diferentes: moedas, conchas, pinturas, animais empalhados etc., tudo unido e organizado de acordo com o desejo do colecionador. Era comum que essas coleções ocupassem um cômodo inteiro, acessível apenas ao colecionador e a seu círculo de amizades. Quem guardava coisas era reconhecido como erudito e cosmopolita. Você coleciona algo? Já pensou que os objetos de sua casa podem guardar lembranças significativas não só para você, mas também para quem a visita?

Após a Revolução Francesa, começam a ser propostas coleções para a visita pública, embora ainda restritas a uma parcela da população. Para o pensamento revolucionário francês, essas coleções construíam a identidade nacional e, portanto, era necessário divulgá-las.

Só na segunda metade do século 19 se passa a falar em grande público. As Feiras Universais, eventos periódicos que reuniam as produções cultural e industrial de vários países, implementaram algumas novidades na forma de organizar exposições. Foram construídos pavilhões com amplos vãos internos para receber esses eventos, tornando-os espaços versáteis para a montagem de ambientes e transporte das peças. Já havia uma clara preocupação com a circulação do público. →

→ No século 20 houve uma ruptura com as formas tradicionais de se expor arte. As vanguardas artísticas começaram a propor uma nova relação entre a obra e o espaço que ela ocupa. Aos poucos, passou-se a apresentar as obras com mais espaço entre elas, e os elementos ornamentais, como vasos de flores, foram banidos do espaço expositivo. Essa nova forma de expor, que passou a ser chamada de "cubo branco", busca assepsia estética e neutralidade conceitual.

Esses lugares formais de memória convivem com muitos outros lugares informais em que a memória se mantém viva e em mutação. Que outras maneiras de preservar a memória podem existir? ■

Como um museu pode
construir memória?
E como um evento como
a Bienal pode participar
dessa construção?

Samuel B. Morse, *Galeria do Louvre*, 1831-1833.
Óleo sobre tela. 187,3 x 274,3 cm.



Vista geral da exposição Armory Show (1913)
realizada em Nova York, Estados Unidos.



Você já pensou no que acontece quando uma exposição termina? No dia seguinte, a exposição não está mais aberta à visitação. As fichas, etiquetas e sinalizações devem ser recolhidas. As obras, retiradas e embaladas para serem transportadas de volta a sua instituição de origem, a seus proprietários, à reserva técnica ou mesmo a uma nova exposição. É produzido um laudo para constatar a situação de cada obra e ter certeza de que nada foi danificado. As divisórias montadas para a exposição são retiradas. Pequenos reparos são feitos, o espaço deve ser repintado. A equipe de limpeza remove todas as marcas desse processo, deixando o espaço pronto para uma nova exposição. Os registros produzidos durante o evento são recolhidos, catalogados, guardados, e passam a formar a memória documental da exposição. E, assim, a exposição acaba... Mas acaba mesmo? Ao visitar uma exposição, vemos, ouvimos e sentimos muitas coisas. Algumas nos comovem, nos incomodam, nos fazem refletir; outras não nos sensibilizam de modo algum. Mas, de vez em quando, algo nos toca e marca profundamente. Quando isso acontece, a visita continua mesmo depois que saímos do espaço expositivo e que tudo foi desmontado. Se a experiência nos marcou, levamos a exposição conosco e a integramos ao nosso acervo: museus inteiros de memórias, inquietações e sensações. →

Quando termina uma
exposição?

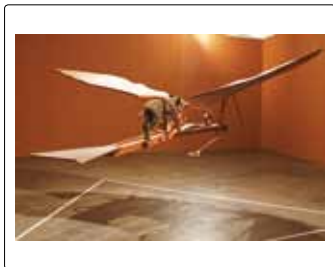
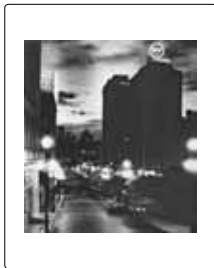
→ Com as bienais não é diferente. A Bienal de São Paulo (originalmente Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo) é a segunda bienal mais antiga do mundo, tendo sua primeira edição em 1951. Ela se propõe a reunir, a cada dois anos, artistas nacionais e internacionais. Hoje, é um evento que mobiliza o trabalho de centenas de profissionais da área de cultura, centenas de artistas, ocupa milhares de metros quadrados de espaço expositivo, participa integralmente das atividades pedagógicas de milhares de professores e recebe centenas de milhares de pessoas. Todo esse empenho culmina em uma grande exposição que dura cerca de três meses. Ou mais?

Após o término de cada evento, a Bienal persevera na ação de professores e alunos do ensino formal, na apropriação de educadores e membros de organizações comunitárias, nas reflexões de jovens artistas sobre sua própria obra, na inserção de novos profissionais na área de produção cultural, na possibilidade de ampliação do público que frequenta espaços culturais, no estabelecimento de contatos entre artistas, na formulação de discursos críticos e acadêmicos. É impossível determinar exatamente suas reverberações no tempo, pois as possíveis ramificações de uma exposição de grande porte são infinitas. ■

Você já foi à Bienal?
Alguma obra ainda o habita?

Atividade do programa educativo
na 12ª Bienal (1973).





ONDE MORA A MEMÓRIA? Você sabe quem é a pessoa que trabalha há mais tempo em sua escola? A pessoa que mora há mais tempo em sua casa? A pessoa mais antiga de seu bairro? Se você conversar com ela, provavelmente vai descobrir que esses lugares mudaram com o tempo. Os lugares têm memória. Como eles eram antes? Como estão hoje? O que mudou? Como poderíamos transformar essas mudanças em uma imagem? Tente coletar fotografias, textos, objetos ou qualquer coisa que informe como eram esses lugares e monte um painel.

SENTIDOS DA MEMÓRIA Muitas coisas podem nos fazer lembrar de momentos de nossa vida. Às vezes uma foto, um brinquedo ou um presente despertam nossas memórias... Mas, de vez em quando, é só ouvir um som, sentir um gosto ou um cheiro para nos lembrarmos de algo. Existe um objeto cujo gosto, cheiro, som, textura ou aparência faça com que se lembre de algo? Que tal compartilhar essa experiência com seus colegas? Mostre-lhes uma sensação ou objeto que faz parte de sua memória. Será que um mesmo cheiro desperta as mesmas memórias em pessoas diferentes? Registre as diferentes memórias para cada objeto e crie um dicionário analógico, em que diferentes sentidos e referências remetem a uma mesma palavra.

MUSEU DA SEMANA Museus são espaços criados para guardar e exibir coisas. Nem todas elas são antigas ou vêm do passado, as coleções também contam com objetos dos dias de hoje, com a intenção de preservá-los para o futuro. Tudo que é ali guardado foi escolhido por alguém, por sua importância ou pela necessidade de preservação, e se chama acervo ou museália. Que tal fazermos o mesmo? Ao longo de uma semana, escolha objetos que marcaram sua vida ou que você acha muito importantes para você. Depois, o grupo pode reunir todos os objetos escolhidos e montar seu próprio Museu da Semana. Você pode elaborar etiquetas, placas, mapas e vitrines orientadas com outras turmas e fazer uma grande exposição.

MONUMENTO DAS PEQUENAS COISAS Quando uma coisa muito importante acontece em um lugar, geralmente as pessoas fazem um monumento, põem uma placa, constroem um prédio ou uma escultura para que nos lembremos sempre do evento. Mas há coisas que são importantes para a gente e ninguém fica sabendo. Certamente, aconteceram coisas importantes em sua vida em vários espaços da escola. Que tal criar marcos para celebrar esses acontecimentos? Escolha uma memória divertida, engraçada ou marcante que tenha acontecido em sua escola. Escreva em um papel e depois, com uma fita adesiva ou barbante, fixe esse papel no exato lugar do acontecimento. Passeie pela escola e descubra as coisas que ocorreram nos lugares por onde passa todos os dias e você nem sabia!

COMO MEDIR O TEMPO DE UMA HISTÓRIA Quando contamos nossas memórias, falamos de medidas de tempo: podemos dizer que algo aconteceu há muitos e muitos anos ou hoje de manhã; podemos dizer que viajamos durante uma semana ou que levamos mais de uma hora para chegar a algum lugar. Mas será que esse é o único maneira de contar o tempo? Podemos inventar outros modos de falar de nossas lembranças? Podemos contar uma viagem em cinco aventuras? Contar nossa vida em três amizades? Falar do passado em quatro saudades? Invente sua própria unidade de medida e conte uma história a um colega. Depois é a vez de ele fazer o mesmo. Os dois podem então desenharem as histórias um do outro, dividindo o desenho na unidade que o outro inventou (por exemplo: as cinco aventuras de Pedro ou as quatro saudades de Maria).

HISTÓRIAS DE MEMÓRIAS? Será que ser criança hoje é igual a ser criança no passado? Vamos descobrir? Procure a pessoa mais velha que você conhece e peça que conte como foi sua infância. Foi parecido com a sua? O que era diferente? Em um desenho, conte como foi a infância dessa pessoa e a sua. Compartilhe com seus colegas e, juntando todos os desenhos do grupo, monte uma única história com essas crianças de diferentes tempos e memórias, fazendo com que se encontrem em um mesmo lugar.

quais os
espaços da
memória?